



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

DO DETALHE À TRAIÇÃO DOS GESTOS: FOI MESMO A MODA QUE MATOU O DANDISMO?

From the detail to the betrayal of gestures: Was it really fashion that killed dandyism?

Adverse, Angélica; PhD; Universidade Federal de Minas Gerais, adverseangelica@gmail.com¹

Resumo: Este ensaio propõe uma reflexão sobre os limites epistemológicos na relação entre o dandismo e a moda. Estruturado como um relato de experiências, revisita as transformações da minha trajetória de pesquisa ao longo de décadas. Adotando uma perspectiva indutiva, mobilizo leituras e investigações realizadas nesse período para interrogar criticamente minha própria produção de conhecimento. O objetivo é compartilhar experiências que evidenciem a emergência de novas ideias capazes de reconfigurar a compreensão histórica do dandismo.

Palavras-chave: Dandismo; Detalhe; Moda.

Abstract: Abstract: This essay is a reflection on the epistemological limits of the relationship between dandyism and fashion. Structured as an account of my experience as a researcher, it recounts the transformations that occurred in my research trajectory over the decades. Adopting an inductive approach, I examine the works I have read and the research I have conducted to critically interrogate my own knowledge production. My aim is to share experiences that show the emergence of new ideas capable of reshaping the historical understanding of dandyism.

Keywords: Dandyism; Detail; Fashion.

Introdução

O dândi não existe senão sob o olhar de outrem.
Marie-Christine Natta

Quanto mais de perto olhamos para uma palavra, tanto mais de longe ela nos devolve o olhar (Kraus, 1912, s/p. *apud* BENJAMIN, 2013, p. 142). Esta fórmula reflete minhas impressões acumuladas ao longo dos anos sobre o estudo do Dandismo. Tenho a sensação de que, quanto mais me aproximo de suas definições, mais ele se afasta do meu olhar, resistindo às minhas investigações e ensaios. Como observa Benjamin (2013), “existem

¹ Doutora e Mestre em Artes Visuais pela EBA | UFMG. Estágio de Pós-Doutorado em História pela FAFICH | UFMG. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes | UFMG. Professora Adjunta do curso Design de Moda | UFMG.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

coisas que resistem aos olhares”. Creio que o Dandismo seja uma delas. Este ensaio retoma algumas questões que venho explorando ao longo do tempo, na tentativa de identificar as interações entre Dandismo e moda. Nenhuma imagem, nos diz Benjamin, apresenta uma superfície linear. As experiências que dela derivam nos permitem múltiplas configurações e mudanças de fisionomias. Parto, portanto, de um esforço para investigar o caráter singular do gesto no Dandismo, abrindo espaço para aquilo que Barthes (2005, p.344) destaca como particularmente relevante: a importância do detalhe na relação entre Dandismo e moda nas sociedades democráticas. É nesse detalhe, nessa atenção aos gestos e nuances, que se manifesta a singularidade estética e performativa do dândi, estabelecendo a ligação entre ética, estilo e individuação. À maneira de Barthes (2009, p.142), pergunto se a cultura de compartilhamento das imagens, fomentada pelas redes sociais, também rejeitaria agressivamente a nuance. Encontraríamos na diferença (diáfora) um modelo da ciência das nuances? Lembrando que, segundo Benjamin (2013, p.143), a evidência poética das coisas só poderia ser acessada pela nuance.

Se transportarmos essa reflexão para o estudo do gesto no Dandismo, perceberemos que a singularidade de cada dândi se manifesta justamente nas sutilezas: nas pequenas variações de postura, no detalhe da aparência e no refinamento do gesto. O gesto não se limita a transmitir um sentido fixo; ao contrário, ele se abre como um campo de possibilidades sujeito a contínuas retomadas e reinterpretações. É nesse caráter fluido que reside a singularidade do Dandismo, permitindo que cada dândi se afirme como autor de si mesmo e que essa prática estética resista à passagem do tempo. Assim como Benjamin indica que o particular sobrevive somente nas nuances, o gesto do dândi também se revela como espaço privilegiado de diferenciação e de expressão individual, resistindo à padronização e à uniformização social do mimetismo da moda, apesar da massificação dos costumes.

Barthes (2005, p. 97) nos diz que o vestuário masculino, após as reformas sociais propostas pela Revolução Francesa, foi modificado profundamente. Os ideais de igualdade alicerçados pelo pensamento político democrático transformaram tanto a forma quanto o espírito da cultura do vestir. Para Barthes, a ideia da democracia produziu teoricamente o uniforme da igualdade submisso às exigências declaradas da aparência. A aparência face às representações da cultura do vestir legítima, segundo Waquet (2024, p.31), o crédito que acordamos com a expressão da verdade. Sob esta lógica, o artifício, mais do que uma caricatura da realidade, exprimiria a matriz das convicções políticas revolucionárias. O costume masculino pode, então, ser compreendido



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

como um projeto social que propunha uma reforma na aparição pública do indivíduo que, adaptado aos princípios revolucionários, atenuava a diferença das camadas sociais pela austeridade e simplificação do estilo.

Segundo Coblence (2018, p.264), se revela, por intermédio do Dandismo, a ilusão de uma transparência social que faria crer ser possível combater a desigualdade pela reforma do vestuário. A uniformidade do parecer abre espaço à singularidade dos gestos explicitando uma nova atitude do indivíduo no espaço social. O gesto de singularização da aparência e da aparição baseou-se, a partir disso, em uma nova categoria estética: o detalhe. A função distintiva dependeria, portanto, da maneira e do modo de construir novos valores por meio da elegância. O Dandismo funda-se na lógica do detalhe, articulando os signos discretos do vestuário à dimensão metafísica dos modos a fim de orientar modelagem ética dos gestos pelo sujeito. A distinção não estaria concatenada à classe social, ao dinheiro, ao capital cultural herdado ou adquirido. Ela seria uma maneira sutil adotada pelo sujeito para se diferenciar do pensamento e dos valores vulgares partilhados coletivamente, a distinção proferida pelo detalhe seria inimitável e estaria, portanto, associada ao estilo de ser. Baudelaire (1996, p.49) apresenta a noção da distinção pela superioridade espiritual e não pela elegância física. A *distinção*, segundo ele, seria representada pela simplicidade absoluta, o que seria, efetivamente para o dândi, a melhor maneira de se distinguir.

Este ensaio parte, sobretudo, da crítica de Barthes (2001) ao fato de que a produção da indústria da moda, tanto material quanto imagética, seria responsável pela morte do Dandismo. Ao problematizarmos a morte do Dandismo, nós objetivamos examinar a relação entre o Dandismo e a cultura da informação de moda na contemporaneidade, permeando a produção de informação das redes sociais pelos *Influencers* e *Trend-Setters* e pelo acesso à democratização do estilo pelas marcas de *Fast Fashion*. Ademais, pretende-se observar a dimensão da difusão de discussões sobre a racialização do Dandismo, a partir das questões suscitadas pelo Dandismo Negro a partir da exposição *Superfine: Tailoring Black Style* (2025) apresentada pelo MET (NY). Examinarei alguns eixos fundamentais da teoria do Dandismo, notadamente aqueles concernentes à sua dimensão mítica e à sua elaboração imagética. Pretendo explorar a tensão instaurada entre o Dandismo e a moda, sublinhando os aspectos concernentes à revolta singular, às ciências da maneira e à sutileza dos gestos. Por fim, me deterei nas questões relativas à nuance dos gestos como um tipo de performatividade que revelaria a potência política do Dandismo e, em particular, do Dandismo Negro.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Dandismo: uma revolta singular

Incorporadas à linguagem literária entre os anos de 1810-1815, os termos dândi e Dandismo se perpetuaram continuamente no vocabulário ocidental, designando as transformações dos modos de existência e o estilo de vida que alteravam as noções de gênero, sexualidade, classe social e raça. De acordo com Carassus (1971, p.7), o termo é amplamente difundido a partir das publicações de Lord Byron (1788-1824), como por exemplo, no poema Beppo, o emprega da seguinte maneira: “Não sou senão uma espécie de pessoa sem nome, um dândi arruinado, começando apenas suas viagens”. O vocábulo, por sua vez, ganha maior densidade nos anos de 1830 ao se tornar moda nos bulevares franceses, sendo utilizado para designar uma categoria de indivíduos profundamente preocupados em distinguir-se da massa por suas maneiras e modos de vestir, prezando por uma elegância superior.

Delbourg-Delphis (1985, p.12) define o Dandismo, primeiramente, como um traço de distinção do indivíduo das sociedades em via de se democratizarem, acentuando o sentimento de autonomia e exceção para delimitar que a singularidade do dândi marcaria seu gesto inimitável. Montandon (2016, p. 8) chama atenção para a afirmação de uma mitologia em torno do tema que permite aglutinar diferentes avatares e modelos de dândi dentro de diferentes movimentos de estilo que se aglutinam em torno de uma rígida cultura do vestir marcada pela reforma do vestuário masculino em diversas revoluções após o século XVIII. O dândi, segundo Montandon (2016), é um indivíduo inimitável por usar o uniforme da reforma – o costume preto – como dispositivo sutil para expressar a elegância dos gestos e o refinamento dos modos. As diversas revoltas e revoluções possibilitaram a emergência de projetos para o vestuário que poderiam se tornar um emblema para a liberdade e libertação.

Na França do século XVIII, os artistas se tornaram responsáveis por projetar uma roupa republicana que pudesse evidenciar a igualdade de direitos, distinguindo as diferenças como uma distância necessária para marcar a autonomia individual. O costume preto, a gravata e o lenço se tornaram, paradoxalmente, o uniforme de representação da democracia e um dispositivo inédito de expressão das modificações excepcionais do sujeito que pode, a partir das pequenas diferenças, cultivar a sua independência. As transformações do vestuário produzidas após a Revolução Francesa são, para Barthes (2005, p.345), uma expressão simbólica do espírito, a austeridade da indumentária masculina



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

responderia, portanto, às novas exigências da vida burguesa no século XIX. Baudelaire (2011, p.688) analisa o traje do herói moderno como símbolo de um luto perpétuo. Ele nos lembra que o costume preto da modernidade seria um símbolo da alma universal, representando o desencantamento com as utopias da revolução: “Observe-se que o traje negro e o redingote não possuem apenas uma beleza política, como expressão da igualdade universal, mas também uma beleza poética, como emanção da alma coletiva: uma vasta procissão de coveiros, coveiros políticos, coveiros apaixonados, coveiros burgueses. Todos nós celebramos, em alguma medida, um enterro.” O dandismo se apresenta como um fenômeno próprio aos contextos de transição e, como observou Baudelaire (2011, p.688), uma das consequências para o dândi seria encontrar uma maneira de se distinguir e de manifestar a sua diferença no espaço da igualdade democrática. Nesse sentido, o dândi se configura como uma complexa personagem de resistência à uniformidade da aparência no seio das sociedades democráticas ou igualitárias. A sua tarefa consiste em erigir um pensamento estético-político sobre as condições de ser e de viver espiritualmente em uma sociedade marcada pelo utilitarismo das condições materiais.

A relação do Dandismo com a política se estrutura sobre a base do pensamento republicano, estabelecendo como princípio a exigência humanista da autonomia e a sua articulação com os valores da intersubjetividade que difundem uma consciência em torno da coletividade. Aquilo que o senso comum tende a relegar ao domínio da aparência seria uma maneira ou modo de ser expresso por um gesto: a elegância. Tal como sugere Waquet (2024, p.31), de um conceito simples a aparência passou a designar as mais delicadas diferenças que comporiam a realidade, e o primeiro filtro de expressão da representação do real seria o modelo estetizado do cidadão e da cidadã dentro de uma sociedade democrática. Os acessórios, as roupas e os cortes de cabelo tornaram-se índices descritivos da realidade política e rapidamente foram colportados e transmitidos em outros contextos sociais, políticos e culturais. A atitude de vestir e de cobrir o corpo significou, com a Revolução Francesa, um artifício político que consolidava no espaço social não a emulação dos modos da aristocracia, mas a sofisticação da simplicidade dentro do espírito e do contexto republicano. O dândi representa, segundo Coblence (2018, p.259), o declínio da aristocracia, tencionando individuação e uniformização. O Dandismo encarna o duplo movimento da modernidade democrática, cujo herói, o dândi, manifesta seu pacto pela igualdade adotando o uniforme que problematiza, nos primeiros anos do século XIX, o poder como um tipo de virtude do autogoverno e, o artifício, como um traço do seu heroísmo. Coblence (2018) acredita que a natureza



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

política do Dandismo seria uma prefiguração da coisificação do dândi em direção ao inumano e, conseqüentemente, ao mito histórico. Natta (1991, p.66), por sua vez, interpreta o heroísmo como uma herança do Dandismo Militar. Ele representaria a injunção do gesto heroico do dândi como modelo de autonomia do homem elegante.

Segundo Coblenz (2018, p.282), essa atitude manifestaria o desafio de organizar o seu papel social. A alegoria do herói sem função na modernidade é aquela do “Hércules sem emprego”, como definiu Baudelaire (2011, p.808). Ele se torna o drama desse gênio de exceção que utiliza a elegância como um tipo de estoicismo irônico. Por ser uma personagem que se situa num limiar entre o passado e o futuro, o dândi transforma a nostalgia do passado em derrisão, a melancolia em tédio e a revolta em artifício. Essa nova forma de dissidência encontrará espaço na literatura do século XIX, deixando como legado um modelo de narrativa de si que traduz, sensivelmente, para o texto literário, a transfiguração do sujeito como um drama absoluto da experiência da modelagem de si na modernidade. Os romances de formação, os diários íntimos e os contos que simulam pactos de transubstanciação do humano em criaturas sobrenaturais revelam como a automodelagem seria o artifício do trabalho humano sobre si mesmo. A nova dissidência do Dandismo elabora uma teoria sobre as técnicas de transformação da natureza humana, a partir de textos literários que unificam tratado científico e ficção. Em *Os Mistérios de Paris* (2005), encontramos a seguinte reflexão de Sue:

Pela força do gosto, ofusquei pessoas dez vezes mais ricas do que eu. Esse primeiro sucesso me inebriou, tornei-me um homem de luxo como se torna um homem de guerra ou um homem de Estado. Sim, amo o luxo, não por ostentação vulgar, mas o amo como o pintor ama a pintura, como o poeta ama a poesia; como todo artista, eu era ciumento de minha obra... e a minha obra, para mim, era o meu luxo (SUE, 2005, p.250).

A indistinção entre obra e vida é, sem dúvida, o que os aproxima da noção etimológica da palavra moda, sentido que trabalhei ao longo da minha tese de doutorado intitulada *Devemos ser uma Obra de Arte ou Vestir uma: o Dandismo como Médiun-de-Reflexão na Arte* (2016). Meu objetivo consistia em pensar a moda como modelagem de si como um problema de equilíbrio entre o ser e o aparecer, assumindo o pressuposto de que não existe uma independência entre as partes. Ao contrário, aparecer seria para o dândi, um ato estético de formação. A performatividade do dândi erigida pela aparição pública possibilita ao sujeito esculpir a si próprio como uma obra de arte. A formação de si pela imagem estética cria um equilíbrio instável entre o que é interior e exterior ao sujeito. É deste processo entre o espiritual e o social que se origina um desdobramento do indivíduo, permitindo-lhe transitar da ficção do mito aos acontecimentos históricos. Este trânsito é o limiar onde se encontra a frágil incerteza do dândi, pois a passagem do interior ao exterior explicitaria



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

o seu processo de desdobramento em obra. Desdobrar-se é, de certo modo, confrontar tudo aquilo que poderia ser estrangeiro a si mesmo. Disso, resulta a poética de sua existência e a atitude-limite que o conduz a se emancipar da vida ordinária. Essa atitude-limite é perigosamente sutil, pois instaura no sujeito uma tensão psíquica que marca a cisão entre realidade e fabulação. É justamente esse exercício crítico e agudo que vincula o modo de ser aos desdobramentos infinitos do sujeito enquanto obra de arte. O comportamento do dândi só poderia ser possível, neste caso, por um tipo de independência na maneira de pensar e de agir. O autogoverno produz a singularidade que, por sua vez, produz a liberdade política que orienta os domínios morais ou estéticos do dândi. O papel contestatório do dândi é decorrente de uma lucidez inventiva, capaz de converter a construção da sua identidade em virtude estética.

O artista dândi, o literato ou revolucionário poderiam ser excelentes exemplos sobre a força constitutiva do Dandismo, pois todo gesto implica numa atitude-limite, num modo de fazer que conduz à construção de um método (como caminho desviante) e, a partir dele, uma metodologia que agencia ferramentas e linguagem a fim de expressar a elegância como um movimento do espírito crítico. Como sugere Natta (1991, p.27), a força subversiva do Dandismo é a sua singularidade desviante. A revolta do dândi é continuamente desdobrada pelos atravessamentos políticos a partir de suas múltiplas identidades, tal como Baudelaire descreve em uma carta à Poulet-Malassis, datada de 4 de fevereiro de 1860, descrevendo o Dandismo como “uma grandeza sem convicção”. Baudelaire descreve a sublevação estética no Dandismo como o seu traço mais peculiar, justamente por ser um tipo de insurgência que não tem a intenção de mudar a ordem do mundo e da história; e, menos ainda, de entrar para o panteão dos grandes homens. O dândi, profundamente desencantado, expressa sua revolta unicamente por meio da exigência de um gesto belo diante das incertezas do mundo.

Da Ciência das maneiras à nuance do gesto: os estilos de existência

O Dandismo foi estruturado numa sociedade de transição. O dândi, por sua vez, oscilava entre a regra e a transgressão das normas. Com a consolidação de uma sociedade democrática, pautada pelo direito dos indivíduos e pela individualização do estilo de moda, a abordagem do Dandismo se tornou ainda mais complexa. Se, no século XIX, houve, como examinou Delbourg-Delphis (1985, p.40), uma “epidemia de dândis”, contemporaneamente, com as redes sociais e difusão das imagens, a linha que delimitava claramente o esnobe do dândi se tornou mais opaca. É preciso



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

salientar, como vimos, que o dândi tinha a preocupação de aparecer ao olhar do outro para explicitar a sua autoconstituição. Diz d'Aurevilly (2009, p.159) que a ação do dândi sobre o olhar do outro era mais imediata e exercida, unicamente, pelo efeito desencadeado da relação interpessoal. Trata-se para o autor de um traço refinado dos gestos que direcionava as ideias, o discurso, os movimentos corporais, a intenção transparente das ações e até mesmo o silêncio. A preocupação com o efeito exterior era o princípio do dândi no século XIX porque ele tinha consciência da importância do prestígio advindo da soberania de si. O espírito do Dandismo era um produto do pensamento e, igualmente, da língua, da vida social e da errância do sentido produzido pelo compartilhamento dos costumes ou pelo autoexílio. Logo, a organização das indiscrições, de acordo com d'Aurevilly (2009, p.118), seria a melhor maneira de um dândi se destacar. Afinal, nem todos estavam aptos a se converterem em obra de arte ou a fazer, de si mesmos, uma. A consciência crítica aguda, o autogoverno e o gesto de estilização da aparência não constituíam, necessariamente, os princípios encarnados do *fashionable* (os homens vestidos à moda que se autoproclamavam dândis). Para sê-lo, exigia-se um domínio das maneiras e um pensamento crítico agudo para equilibrar a justa medida entre o ser o parecer. A autoprodução estética dependia, sobretudo, de uma faculdade estética capaz de refinar os sentidos e de elevá-los ao plano sensível da existência mítica.

Como observa Natta (1991, p.66), se a existência do dândi dependia do olhar do outro, então, sua aparência e sua aparição configuravam-se como uma forma de ação gestual relacional, orientada simultaneamente pela técnica do vestir e pela ética da autocriação. Trata-se de algo análogo à própria substância do estilo: uma qualidade do gesto enraizada no cerne da performatividade, conforme assinala Citton (2012, p.62). Aqui, a performatividade constitui a intenção crítica do dândi capaz de produzir efeitos concretos no mundo, confrontando identidades para tornar visível a sua insurgência frente alguma norma social. A expressão dos detalhes se torna essencial para rasurar as fronteiras do gênero e de seus papéis sociais. Ao considerar o dândi sob a perspectiva proposta por Citton (2012), busco compreender a construção do estilo como um “gesto de humanidade”, isto é, como uma forma de produção discursiva do sujeito sobre si mesmo, realizada por meio das maneiras que ele mobiliza para comunicar, de modo intencional, sua individuação.

Ao escrever sobre o Dandismo e a moda no início dos anos de 1960, Barthes (2005) faz importantes observações sobre as características que os distinguem. Primeiramente, ele define o Dandismo como uma ética e



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

uma técnica, distanciando-o claramente da noção de fenômeno e sistema que, por sua vez, compõem a moda. Em seguida, ele estrutura o princípio de constituição do Dandismo e da moda assinalando os índices que os diferenciam. No que concerne ao Dandismo, ele acentua a relação paradoxal entre uniforme e distinção, em particular, pelo contexto histórico e político. Natta (2016, p.101) nos lembra que os clássicos códigos da alfaiataria utilizados para marcar a distinção hierárquica das suas funções são incorporados pelos dândis civis. Nesta perspectiva, o detalhe resguardaria a função distintiva entre o particular e o universal. É importante lembrar que o Dandismo Militar foi responsável por introduzir aos dândis civis várias práticas relativas aos costumes por um modelo de conduta coercitiva que imporia diversos códigos de conduta para marcar a singularidade, como por exemplo: a postura altiva e o cuidado com os gestos corporais, a disciplina corporal relativa à higiene, a função distintiva do costume e, por fim, o heroísmo uma alegoria da elegância. Ainda, para Natta (1991, p.73), o artifício heroico seria o código moral que orientaria a impertinência do dândi civil. O heroísmo permitiria ao dândi estabelecer suas próprias regras de conduta, atuando como um *arbiter elegantarium*; um árbitro capaz de definir o que é chique e elegante, tanto no comportamento ético quanto na aparência estética no espaço público.

A elegância pode ser compreendida como um sutil movimento do gesto por meio do qual o dândi convoca o olhar do outro. Ela instaura uma forma de presença que marca a singularidade estética de sua aparência e aparição pública. A originalidade e a independência do dândi não residem unicamente na vestimenta ou no *status quo* do indivíduo, mas antes em uma performatividade capaz de atravessar as fronteiras sociais inscritas nos quatro eixos constitutivos do processo de subjetivação: gênero, sexualidade, raça e classe. A elegância do dândi se aproxima do Citton (2012, p. 10) denomina por “nuance do gesto”. Conceito extraído de Barthes (2009, p. 141) e que se refere à essência das diferenças manifestadas nos detalhes, sejam eles expressões de ideias, sentimentos ou modos de ser. Ele revela a atitude radical de autocriação do sujeito em seu processo de individuação. A elegância, sob a perspectiva de Citton (2012, p.12), se afirma como um valor convertendo-se em assinatura, isto é, estilo. O estilo no Dandismo cumpre a função de enfatizar as maneiras do indivíduo, singularizando a aparência e a aparição pública do sujeito. É pelo elogio ao gesto que uma forma radical de estetização de si possibilita a autocriação do dândi.

Nas sociedades democráticas, a moda tende a unificar detalhe e estilo, pasteurizando, assim, a singularidade. Por este motivo, Barthes (2005, p.352) problematiza a morte do Dandismo. O autor concebe o detalhe como um



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

princípio laborioso, essencial à prática estética do Dandismo e à ética de constituição do dândi. O detalhe assume, para Barthes (2005, p.346) a função distintiva marcando as finas diferenças sociais a partir de um novo valor: os signos discretos. O gosto intenso pela sutileza dos detalhes reforça a proposição de Baudelaire (2009, p. 15): “Aos olhos, obcecado, acima de tudo, por distinção, a perfeição da toalete está na simplicidade absoluta, que é, de fato, a melhor maneira de se distinguir.” Tocqueville (1981, p.386) observa que, assim como a democracia, o Dandismo promete a singularidade; contudo, essa promessa não se realiza de modo absoluto, pois está submetido às regras que organizam os signos discretos da distinção. Se o dândi encarna o poder soberano de cada indivíduo sobre si mesmo, fundado no equilíbrio preciso entre ser e parecer, coloca-se, então, uma questão central: como pensar o gesto que o singulariza em um mundo marcado pela superficialização da diferença, isto é, como um imperativo estético da moda? Cito como exemplo o dândi contemporâneo, que enfrenta o desafio de cultivar técnica, ética e distinção por meio do detalhe. Para além do luxo ou da adesão às tendências sazonais, ele deve incorporar a sutileza do gesto, como demonstram os influenciadores franceses do grupo Les Distingués (2025), que exploram a importância dos detalhes para o Dandismo em vídeos e fotografias no Instagram. Em uma das ações, eles fabulam poeticamente sobre a elegância e discrição, narrando o seguinte texto: “A elegância reside na simplicidade, por isso deixe a sua roupa falar com sinceridade, pois mostrar menos não é um sinal de fraqueza, mas sim uma verdadeira prova de *finesse*: uma roupa sóbria, um sorriso discreto, fazem mais efeito que um costume com mil reflexos, um simples acessório bem escolhido, e é todo o conjunto magnificado porque a elegância está na medida certa. Ela não grita, ela sussurra, ela não força, ela afirma, ela não se imita, ela é natural, pois é com pudor e leveza que a elegância permanece na humildade”².

Segundo Barthes (2005, p. 346), os signos discretos formam uma disciplina centrada nos detalhes: é a distinção que orienta toda a “signalética” do vestuário, afastando-o de qualquer gesto ostentatório ou comparativo. A traição do gesto pode ocorrer quando a nuance se perde, subvertendo a discrição característica do Dandismo. Os fenômenos miméticos da moda, ao incentivar a imitação, podem gerar efeitos ambíguos, transformando a distinção em algo *démodé*, como Barthes (2005, p. 350) aponta. Por isso, o gesto do dândi deve ser calibrado com

² https://www.instagram.com/les_distingues/ acesso 7 de setembro de 2025.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

precisão, comunicando sua singularidade ética como forma de elegância. Disciplina e rigor coexistem com abertura à interpretação do outro, mas sempre sustentados por uma singularidade estética conscientemente construída e por uma sutileza exigida com rigor quase militar.

Se, para Barthes (2005, p. 350), a imitação coletiva da moda poderia neutralizar o Dandismo, “matando-o”, o Dandismo Negro, por sua vez, demonstra como essa prática se reestrutura constituindo uma outra relação entre moda e Dandismo. As exposições *Superfine: Tailoring Black Style* (2025) no MET (NY), com a curadoria de Monica Miller, e *Dandy Lion: (Re)Articulating Black Masculine Identity* (2017), no Lowe Art Museum (Miami) com a curadoria de Shantrelle P. Lewis, evidenciam essa dinâmica: o estilo negro se apresenta como tecnologia do sujeito, na qual cada detalhe do vestuário e cada gesto performativo manifestam uma perfeita coincidência entre ser e parecer. Os detalhes se tornam uma técnica de autoprodução do estilo, fazendo confluir singularidade e distinção. Para Powell (2025, p.157), a beleza da moda ofereceu aos negros no passado colonial uma possibilidade de pensar os mesmos códigos da liberdade e da libertação expressos pelos ideais revolucionários do século XIX. Pelo fato de a moda produzir um espaço de indistinção entre a realidade e a ficção, a roupa funciona como um instrumento de libertação, fabulando uma nova camada no espaço social. O *styling* apaga a fronteira delimitada entre o indivíduo real e o indivíduo social. Assim sendo, as pessoas escravizadas no passado empregavam meios para assegurar que o estilo representasse o seu gesto de libertação pela subversão da nuance. Para Checinska (2025, p.111), o Dandismo contemporâneo, em particular, o Dandismo Negro, configura-se como uma verdadeira ciência dos detalhes, tornando-se o elemento central para evitar as representações estereotipadas do homem negro. O detalhe tem um poder de significação que impregna cada gesto e cada escolha estética, de significados sutis. Nesse contexto, o dândi negro exerce uma atenção política sobre a aparência substancial do gesto, tornando o estilo um meio de afirmar sua singularidade e legitimando-o como algo inimitável e substancialmente único em contextos políticos e sociais marcados pela subalternidade estética e apagamentos.

O Dandismo Negro demonstra que a individuação se realiza justamente na interação entre aparência, gesto e contexto social. Do ponto de vista antropológico, as técnicas do vestir contribuíam para constituir um imaginário que, enquanto fabulação, duplica as possibilidades do jogo político no espaço social subvertendo a ordem e mixando as referências. Glissant (2021, p.134) compreendia como uma relação de subversão a partir dos novos



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

usos, normalmente, contestadores de apropriação. Talvez possamos dizer que os processos de difusão dos estilos de moda tenham sido responsáveis pela difusão do Dandismo em contexto global. Contudo, é pela dinâmica da técnica e da ética que o Dandismo possibilitou aos dândis negros participarem das estratégias de autoestilização, ao tangenciar de forma insidiosa os códigos vestimentares europeus, jogando subversivamente com os processos de transferência cultural para escapar da exclusão social e das condições adversas de sua invisibilidade social. O alto heroísmo do dândi negro está no esforço de lutar pela liberdade e a dignidade da raça. Os negros, disse Nascimento (1983, p.43), têm sido os solitários e incansáveis artificies de sua própria luta de libertação.

O Dandismo Negro se situa no âmago das contradições das modalidades de subjetivação, compartilhando o mesmo engajamento da revolta pelo estilo realizada pelo Dandismo Europeu no século XIX. A sutileza do gesto se revela justamente na inversão entre realidade e aparência, por um tipo de provocação que lembra a reflexão sobre a estética da delicadeza (BARTHES, 2012, p.260), uma vez que jogam esteticamente com a distância e o cuidado, em um mundo marcado pela barbárie. O Dandismo Negro articula um olhar crítico sobre a normatividade social, desafiando a homogeneização e a imposição de padrões coletivos. Cada gesto, cada escolha de vestuário, cada nuance do estilo funciona como uma prática subversiva: ela não é decadente, mas vital, porque ameaça a uniformidade valorizando a individuação do sujeito negro. Nesse sentido, ele opera tanto como resistência estética e política quanto reivindica o direito à autopresença, em particular, pela luta por diferenciação e reconhecimento em sociedades que historicamente buscaram apagar a identidade negra. As nuances do detalhe do *Black Style* (do corte do terno ao chapéu, dos acessórios aos gestos) são instrumentos de afirmação do sujeito, revelando a essência singular do dândi negro como estratégia de visibilidade, desafiando o *status quo* pela fabulação ética como um exemplo de poder político do sujeito negro estetizado.

(Des)considerações Finais

Este ensaio é uma prova do que D'Aurevilly (2009, p.158) denominou de “impertinência do socorro das palavras”, pois ele representou a minha tentativa de compreender, mais uma vez, este objeto de estudo: o Dandismo. Tal como vimos inicialmente, pelas palavras de Benjamin (2005), existem coisas que escapam ao nosso olhar. O



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Dandismo é uma delas! Ao longo deste estudo, eu tentei analisar como a manipulação do detalhe no Dandismo e no Dandismo Negro é um modo de criar uma ciência das maneiras pela nuance dos gestos. Inicialmente, apresentei os ensaios e tratados sobre o Dandismo a partir de autores como Balzac (2009), d'Aureville (2009) e Baudelaire (2011). Destes ensaios, eu apresentei como o espírito do Dandismo poderia ser percebido, essencialmente, pela linguagem dos costumes. Em paralelo, retomei os pesquisadores especialistas no Dandismo e Dandismo Negro para analisar a relação entre a emergência das sociedades democráticas, tentando, assim, apresentar o paradoxo axial entre distinção e uniformização. Diante deste complexo tema, mobilizei a teoria de Barthes (2009) sobre a nuance do gesto, e os estudos de Citton (2012) para compreender a dimensão performativa da relação entre o Dandismo e a Moda. Por fim, retomei, de maneira panorâmica e, um tanto quanto sutil, as relações entre o Dandismo e a dinâmica das tendências de moda, a fim de evidenciar que o mimetismo e a emulação seriam um tipo de traição do gesto, em especial, lendo atentamente os ensaios literários que afirmam as proposições sobre o Dandismo enquanto uma técnica corporal. O que significa que as teorias relativas ao consumo que o analisam sob o ponto de vista da imitação não são suficientes para compreender a complexidade de relações que se estabelece neste jogo estético-político.

Apoio-me em (des) considerar análises sobre o Dandismo baseadas na lógica da imitação-distinção, recorrentes em análises do mimetismo social que relacionam o Dandismo e a moda. Submeter o Dandismo a tal esquema é insuficiente porque ele não se funda na relação de espelhamento entre classes, mas se constitui como técnica e como ética *mise en abyme*: técnica, no sentido de um trabalho sobre o corpo, sobre o gesto e sobre a conduta; ética, porque engendra um modo de estar no mundo em que aparência e existência não se separam, instaurando uma forma singular de individuação.

É pelo olhar que se revela a riqueza do detalhe e a sutileza dos gestos; é nele que a singularidade do dândi ganha sentido como forma de rebeldia. Como observa Natta (1991, p. 65), o dândi só existe na medida em que se faz presente aos olhos do outro, tornando cada gesto uma performance ética e estética. O exercício desenvolvido por mim, neste texto, baseou-se na poética das relações erigida pelo complexo jogo entre o dândi, o seu gesto de singularidade, a moda e a elegância. Revelou-se central, mais uma vez, a leitura de textos e tratados literários que esboçam a forma como o espírito é um modo de tradução sensível dos gestos. Nesses textos, não se trata de interpretar a elegância como resposta a condições sociais adversas, nem de entender o dândi como alguém que busca se assemelhar à aristocracia ou



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

reivindicar simbolicamente seus privilégios. Ao contrário: no espírito do Dandismo, os valores que sustentam a estilização do sujeito já lhe são próprios, pois não derivam de uma classe ou de um modelo exterior, mas da criação inimitável de uma nuance do gesto. Assim, compreender o Dandismo exige (des)considerar algumas abordagens relativas às dinâmicas sociais que reduzem o dândi ao imitador, para reconhecer a diferença entre a nuance e a traição do gesto. Se o tempo da *fashion*, como nos explicou Balzac (2009), obliterou o tempo da elegância, talvez seja ainda possível reconhecer o Dandismo, após dois séculos de existência, como prática de invenção e de resistência, inscrita no corpo e nos gestos. No Dandismo a política se constitui como forma sensível e o estilo emerge como experiência espiritual de liberdade.

Referências

ADVERSE, Angélica O. **Devemos ser uma Obra de Arte ou Vestir Uma: o Dandismo como Medium-de-Reflexão na Arte**. 2016. 410 f. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BARTHES, Roland. **Inéditos Vol.3: Imagem e Moda**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **La Préparation du Roman : cours au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980)**. Paris : Éditions du Seuil, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. **Œuvres Complètes**. Paris : Robert Laffont, 2011.

BAUDELAIRE, Charles. O Dândi. In : BAUDELAIRE, Charles ; BALZAC, Honoré de ; D'AUREVILLY, Barbey. **Manual do Dândi. A Vida com Estilo**. Organização tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte : Autêntica, 2009, pp.13-20.

BALZAC, Honoré de. Tratado da Vida Elegante. In : BAUDELAIRE, Charles ; BALZAC, Honoré de ; D'AUREVILLY, Barbey. **Manual do Dândi. A Vida com Estilo**. Organização tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte : Autêntica, 2009, pp.21-111.

BENJAMIN, Walter. **Imagens de Pensamento: Sobre Haxixe e outras Drogas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CITTON, Yves. **Gestes d'humanités : Anthropologie Sauvage de nos Expériences Esthétiques**. 1. ed. Paris : Armand Colin, 2012.

CHECINSKA, Christine. Toussaint l'Ouverture's Coat Buttons. In: SUPERFINE. TAILORING BLACK STYLE. 1.ed. New York: The Metropolitan Museum of Art; Yale University Press, 2025, p.111.

COBLENCÉ, Françoise. **Le Dandysme, Obligation d'Incertitude**. Paris : Klicksieck, 2018.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

D'AUREVILLY, Barbey. O Dandismo e George Brummell. In: BAUDELAIRE, Charles ; BALZAC, Honoré de ; D'AUREVILLY, Barbey. **Manual do Dândi. A Vida com Estilo.** Organização tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte : Autêntica, 2009, pp. 113-199.

DELBOURG-DELPHEIS, Marylène. **Masculin Singulier. Le Dandysme et son Histoire.** Paris : Hachette, 1985.

FAVARDIN, Patrick ; BOÜEXIÈRE, Laurent. **Le Dandysme.** Lyon : La Manufacture, 1988.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação.** 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LEWIS, Shantrelle P. **Dandy Lion. The Black Dandy and Street Style.** 1.ed. New York: Aperture, 2017.

NATTA, Marie-Christine. Le Dandy Militaire. In : MONTADON, Alain. **Dictionnaire du Dandysme.** 1. Ed. Paris : Éditions Champion ; Genève : Éditions Slatkine, 2016, pp. 95-104.

NATTA, Marie-Christine. **La Grandeur sans Convictions. Essai sur le Dandysme.** 1.ed. Paris : Félin, 1991.

NASCIMENTO, Abdias. **O Homem Negro Revoltado.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MONTADON, Alain. **Dictionnaire du Dandysme.** 1. Ed. Paris : Éditions Champion ; Genève : Éditions Slatkine, 2016, pp. 95-104.

POWELL, Richard J. The Jacksonian-era Portraits of Black Man. In: **SUPERFINE. TAILORING BLACK STYLE.** 1.ed. New York: The Metropolitan Museum of Art; Yale University Press, 2025, p.157.

ROUVILLOIS, Frédéric. **Histoire du Snobisme.** Paris : Éditions Flammarion, 2008.

SUE, Eugène. **Les Mystères de Paris.** Édition de référence. Paris : Robert Laffont, 2005.

SUPERFINE. TAILORING BLACK STYLE. 1.ed. New York: The Metropolitan Museum of Art; Yale University Press, 2025.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **De la Démocratie en Amérique.** Paris : Garnier-Flammarion, 1981.

WAQUET, Dominique. Méfions-nous des apparences ! In : JOLY, Morwena ; BITOUZÉ, Corine Le ; PERROT, Chloé. **Comment m'habillerai-je ? Se Vêtir sous la Révolution Française.** 1.ed. Gand : Éditions Snoeck, 2024.

LES DISTINGUÉS. @les_distingues, 2025. Disponível em: < https://www.instagram.com/les_distingues/>. Acesso em: 07 de setembro 2025.